

MOVIMENTOS SOCIAIS SE REÚNEM CONTRA REPRESSÃO E PELA LIBERDADE POLÍTICA

A escalada da violência policial e da perseguição a ativistas políticos têm sido um dos principais temas de discussão no atual momento político do Brasil. E foi justamente para denunciar a repressão policial e reivindicar liberdade imediata aos presos políticos que movimentos sociais, partidos políticos de esquerda, coletivos organizados e sindicatos se reuniram na quinta-feira, 15/8, na

Praça da Sé, em uma manifestação com aproximadamente 200 pessoas.

O ato, convocado pelo Comitê Estadual Contra Repressão Policial, partiu da Catedral da Sé em direção à Praça Roosevelt, escoltado pela PM e pela Guarda Municipal, e seguiu pacífico até o final, sendo encerrado com uma plenária. Entre as reivindicações presentes na manifestação, nos cartazes,

faixas e bandeiras, estavam a não criminalização dos trabalhadores e estudantes da Usp, Unifesp e Unesp e dos jovens do grupo Black Block que foram presos recentemente. Além dos pedidos de esclarecimento sobre a morte do funcionário da Universidade Federal da Baixada Santista, Ricardo Ferreira, e do "Fora Alckmin".

Outra importante reivindicação dos manifestantes

foi pelo fim do processo administrativo-político movido pela reitoria da PUC contra Bia Abramides, professora do serviço social e diretora da APROPUC. Um manifesto de repúdio à repressão e à perseguição políticas escrito pela APROPUC (ver pag 3) foi entregue aos manifestantes e membros do comitê estadual.

continua na próxima página



APROPUC CONVIDA PARA O LANÇAMENTO DA REVISTA

PUC Viva

A CRISE DO CAPITALISMO E AS TENDÊNCIAS BÉLICAS

APROPUC

DEBATEDORES:

Oswaldo Coggiola
Professor Titular de História Contemporânea da USP

Sofia Manzano
Professora de Economia na Universidade São Judas e Diretora do Instituto Calo Prado Junior

Milton Pinheiro
Professor de Ciência Política da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Erson Martins
Ex-professor Doutor da PUC - SP

COORDENAÇÃO:

Profª Ms. Priscilla Cornalbas
Diretora APROPUC

continuação da página anterior

Evidente nas recentes manifestações que tomaram as ruas do país, a repressão policial é um fato que passa muitas vezes despercebido pela mídia e poder público, principalmente quando o alvo é a juventude, em sua maioria negra, da periferia.

"A violência usada pela polícia nas ruas do país está mostrando uma face obscura do poder militar, que muitas vezes não era vista pela classe média e pelo senso comum, mas que agora não tem como esconder", afirmou um dos manifestantes, enquanto começavam os gritos pela desmilitarização da PM.



ROBERTO OLIVEIRA

Manifestantes se concentram na Praça da Sé antes do ato contra a repressão

Fundação São Paulo desautoriza reajuste no bandejão

De volta às aulas para o segundo semestre do ano letivo, a comunidade puquiense deparou com mais um aumento de preço do restaurante universitário subsidiado, conhecido como "bandejão". Houve um reajuste de 70 centavos e a refeição passou para R\$ 6,70 para estudantes cadastrados pelo PAC.

O reajuste foi repassado em sua totalidade para o preço da refeição sem haver discussão sobre o subsídio praticado pela PUC-SP.

Porém, em contato com o PUCviva o secretário-executivo da Fundação São Paulo, padre Rodolpho Perazollo informou que o restaurante agiu unilateralmente, praticando o aumento sem a prévia consulta à universidade. Na verdade reajustes como este devem passar pelo Conselho de Administração, Consad, que examina planilhas de cus-

to para autorizar o aumento. Como nenhum destes procedimentos foi cumprido o secretário-executivo informou que o reajuste foi suspenso, até que o Consad autorize os novos valores.

O preço do bandejão é subsidiado também no acordo interno de funcionários e professores. Os docentes, por exemplo, com carga horária igual ou superior a TP20 têm o desconto de 50%.

Em 2011, o preço da refeição era R\$ 9,90 e com o subsídio ficava em R\$ 6,00 para estudantes. Já no ano passado, subiu para R\$ 10,60, mas o valor não foi repassado para a comunidade - conforme combinado em 2010, durante ocupação de reitoria que conquistou o subsídio - e ficou nos R\$ 6,00. Neste início de segundo semestre, mais um aumento de 70 centavos foi praticado pela

direção do restaurante.

Esse reajuste, no entanto, parece não se refletir na qualidade da refeição servida. Segundo a avaliação daqueles que se alimentam diariamente no bandejão, a rotatividade de alimentos do cardápio ainda é baixa. Além da má qualidade do suco e da sobremesa - principais alvos das reclamações. Pelo menos esse é o cenário indicado por estudantes e fun-

cionários que foram ouvidos pelo **PUCviva** nesta semana. Hoje existe uma Comissão de Alimentação formada por funcionários e estudantes da PUC-SP que elaboraram um questionário para avaliar a satisfação da comunidade com o restaurante universitário. Ele procura avaliar alguns fatores do bandejão, como o serviço, a qualidade e a diversidade nutritiva das refeições.

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 - CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

Afapuc: João Ramalho 182, 7º andar - Fone: 3670-3391.

PUCViva: 3670-3391 - **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Roberto Oliveira, Marina D'Aquino e Anna Gabriela Coelho

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victoria C. Weischtardt

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Manifesto de repúdio e pela retirada imediata do processo administrativo contra a diretora da APROPUC, professora Beatriz Abramides

Hoje, os militantes dos movimentos sociais, dos movimentos dos trabalhadores vêm sofrendo represálias, punições, perseguições e até mesmo assassinatos por parte do aparato repressivo do Estado. Entendemos que somente os trabalhadores mobilizados e organizados são capazes de defender e denunciar atos de barbárie como o que ocorreu na Unifesp de Santos, o que vem ocorrendo contra os indígenas Guarani Kaiowás em MS, as ocorrências nas favelas e periferias dos grandes centros urbanos com chacinas e desaparecimentos de jovens, negros e trabalhadores.

As universidades não estão isentas deste processo repressivo de silenciamento das vozes dissonantes e que lutam em defesa de uma Educação pública e gratuita para todos. Na PUC-SP não é diferente. Desde o início deste ano, a professora Maria Beatriz Costa Abramides, diretora da APROPUC, sofre processo administrativo de cunho político instaurado pela reitora Anna Maria Marques Cintra, nomeada pelo Cardeal.

A professora está sendo julgada sob a acusação de "incontinência de conduta ou mau-procedimento", "ato de indisciplina e insubordinação" e "incitação dos alunos para prática infracional", com a clara intenção de eliminá-la da PUC-SP, por participar de manifestação conjunta com os estudantes no Consun em 27/2/13. A participação da

professora Beatriz Abramides, como representante da APROPUC, foi deliberada em assembleia dos docentes de 26/2/13.

Essa represália fere o direito de representação, de livre manifestação e expressão. Configura-se um processo político de perseguição e punição.

A professora Beatriz Abramides é professora doutora da graduação e da pós-graduação em Serviço Social, tem docência nesta universidade há mais de trinta anos, é reconhecida pela sua produção acadêmica e pela sua contribuição intelectual no campo crítico do conhecimento. É também reconhecida nacionalmente e em outros países da América Latina por seu protagonismo nas lutas dos trabalhadores, na inserção junto aos movimentos sociais e na trajetória de conquistas das categorias de professores e de assistentes sociais, em suas lutas por direitos, pela democracia e pela emancipação humana.

Não podemos aceitar represálias a manifestações que - no interior da universidade - lutam pelo direito à livre representação e expressão. Manifestamos nosso repúdio e exigimos a retirada imediata do processo político instaurado contra a professora.

Diretoria da Associação dos professores da PUC-SP APROPUC

Continuam os apoios à professora Bia Abramides

Além dos atos de solidariedade contra as perseguições políticas que estudantes e professores vêm sofrendo por todo país, continuam as manifestações de apoio à professora Bia Abramides, diretora da APROPUC, vítima da perseguição política movida pela reitora nomeada da PUC-SP. Nesta semana divulgamos mais alguns nomes que chegaram de todo o país.

Fabiano Santos (UFPB); Marco José Duarte (UERJ); Irene Maestro Guimarães (Advogada); Sabrina Franco da Rocha (PMSP); Eliane

Mello Garcia (USP); Ariana Celiss (UNESP-Cress Araçatuba); Francilene Gomes Fernandes (Unicastelo); Emília Pereira (Dançarina); Maurício Capivara (Performance); Vania Souza (HCFMUSP); Neide Fernandes (Cress-SP); Fernanda Lion (Assistente Social); Val Lisboa (LER-QI); Deocleciana Ferreira (Instituto Daniel Camboni); Francisca Pinni (Instituto Paulo Freire); Celso Severo (UFPE); Fernanda Almeida (FMU); Antonio da Silva (FMU); Agrupacion Violeta Negra (Neuquén-Argentina); Dulce Carolina Fonseca Marinho (PM Itabuna); Angel

Bruno Ferreira (Unicastelo); Martha Fortuna (Cress-RJ); Charles Toniollo (UFRJ); Rodrigo Teixeira (UFF - Rio das Ostras); Perci Coelho de Souza (UNB).

Alunos de Psicologia da PUC-SP

Luisa Hantower Carvalho; Marina Coelho; Isabelle Rodominski Lousada Leandro; Iago Correia Ruchmann; Gabriela Seguin Maia de Souza; Maria Clara Brasil de Brito; Julia Sayuri Costa Kasawa; Fernanda Francisco; Ana Luisa Amionelli; Gustavo B de Siqueira; Noam

Feller de Moraes; Davi Cruz Miranda; Helena de S. O. Gonçalves; Geena Victoria Sohn; Luis Quinterro Aguirre; Pedro Costa Campos de Lins Gonçalves; Eduardo Vallejos da Rocha; Rodrigo Ramos P de Oliveira; Bruna Feitosa de Melo; Mariana de Queiroz Leite; Stelo Reginoto O. Lopes; Camila Galliez Leonato; Ana Karina Teles Antunes; Eliane de Oliveira; Mauricio Tavani Bacil; Yasmin de Souza Pereira; Gabriela Castiglione Mano; Paola Celina de C. Silva; Carolina Ramalho do Nascimento; Marcos Amaral; Fernanda M. Julha.

Professores e funcionários têm até 21/8 para responder à proposta do Seguro

Foi prorrogado até esta quarta-feira, 21/8, o prazo para que professores e funcionários que fazem parte do Seguro de Vida Bradesco manifestem sua aceitação ou não à proposta de reajuste feito pela seguradora.

Atualmente os trabalhadores da PUC-SP desembolsam mensalmente 1,4969% de seu salário bruto como contribuição à apólice do seguro. A Seguradora, tendo em vista o alto número de sinistros ocorridos no grupo de segurados da PUC-SP, propôs que esta taxa subisse para 4,359%, porém, depois de negociações com a Divisão de Recursos Humanos, DRH, ficou estipulado um valor máximo de

2,784% sobre o salário bruto de cada trabalhador.

Hoje a PUC-SP tem 620 funcionários contribuindo para a apólice. De acordo com o Código Civil será preciso que 3/4 dos contribuintes (475 segurados) se manifestem favoravelmente para que o reajuste seja praticado.

A DRH mostrou-se preocupada com a não renovação da apólice uma vez que uma pesquisa feita por seus funcionários detectou que, mesmo com o aumento solicitado pela Bradesco, os valores que serão praticados são inferiores aos existentes no mercado para produtos com características semelhantes às da

nossa apólice.

O Seguro de Vida Bradesco existe na PUC-SP desde 1994 e incorporou as apólices de outras seguradoras já existentes na instituição. O funcionário da PUC-SP tem descontado mensalmente de seu salário uma taxa de 1,4969%, tendo como referência o maior salário bruto recebido no período pelo trabalhador. O seguro de vida atual garante uma cobertura de 24 salários para morte ou invalidez por doença, 48 salários para morte do cônjuge e até 100% do capital segurado para invalidez por acidente. O salário de referência para as coberturas é sempre o maior

salário com que o segurado contribuiu, limitados ao teto de R\$17.748,63.

CONCORDÂNCIA

Desta maneira a DRH reforçou à diretoria da APRO-PUC a necessidade de que os professores e funcionários se manifestem até 21/8, porque a não resposta poderá comprometer o processo de renovação da apólice. Os professores e funcionários que preferirem responder via e-mail podem fazê-lo também através do endereço eletrônico rh_beneficios@puensp.br, onde encontrarão um formulário para preenchimento com sua decisão.

PUCviva
20
ANOS

Figurinha Carimbada
Nosso herói no INSS

O aniversário de 20 anos da PUCviva é comemorado em 19 de agosto. Neste mês, a comunidade se reúne para celebrar o aniversário de 20 anos da PUCviva. O evento será realizado em 19 de agosto, às 19h, no auditório da PUCviva. A programação inclui uma apresentação musical, um show de dança e um jantar. A entrada é gratuita.

AGENDA

Senado da PUC. Desde vez a 14 de agosto, os estudantes estão apresentando suas ideias e propostas. O prazo de inscrição é até 14 de agosto, às 19h, no prédio de Engenharia de Arquitetura e Urbanismo, sala 110. Inscrições em C.A. de 14 de agosto.

14 de agosto, às 19h, no prédio de Engenharia de Arquitetura e Urbanismo, sala 110. Inscrições em C.A. de 14 de agosto.

15 de agosto, às 19h, no prédio de Engenharia de Arquitetura e Urbanismo, sala 110. Inscrições em C.A. de 14 de agosto.

16 de agosto, às 19h, no prédio de Engenharia de Arquitetura e Urbanismo, sala 110. Inscrições em C.A. de 14 de agosto.

17 de agosto, às 19h, no prédio de Engenharia de Arquitetura e Urbanismo, sala 110. Inscrições em C.A. de 14 de agosto.

18 de agosto, às 19h, no prédio de Engenharia de Arquitetura e Urbanismo, sala 110. Inscrições em C.A. de 14 de agosto.

19 de agosto, às 19h, no prédio de Engenharia de Arquitetura e Urbanismo, sala 110. Inscrições em C.A. de 14 de agosto.

20 de agosto, às 19h, no prédio de Engenharia de Arquitetura e Urbanismo, sala 110. Inscrições em C.A. de 14 de agosto.

21 de agosto, às 19h, no prédio de Engenharia de Arquitetura e Urbanismo, sala 110. Inscrições em C.A. de 14 de agosto.

22 de agosto, às 19h, no prédio de Engenharia de Arquitetura e Urbanismo, sala 110. Inscrições em C.A. de 14 de agosto.

23 de agosto, às 19h, no prédio de Engenharia de Arquitetura e Urbanismo, sala 110. Inscrições em C.A. de 14 de agosto.

24 de agosto, às 19h, no prédio de Engenharia de Arquitetura e Urbanismo, sala 110. Inscrições em C.A. de 14 de agosto.

25 de agosto, às 19h, no prédio de Engenharia de Arquitetura e Urbanismo, sala 110. Inscrições em C.A. de 14 de agosto.

26 de agosto, às 19h, no prédio de Engenharia de Arquitetura e Urbanismo, sala 110. Inscrições em C.A. de 14 de agosto.

27 de agosto, às 19h, no prédio de Engenharia de Arquitetura e Urbanismo, sala 110. Inscrições em C.A. de 14 de agosto.

28 de agosto, às 19h, no prédio de Engenharia de Arquitetura e Urbanismo, sala 110. Inscrições em C.A. de 14 de agosto.

29 de agosto, às 19h, no prédio de Engenharia de Arquitetura e Urbanismo, sala 110. Inscrições em C.A. de 14 de agosto.

30 de agosto, às 19h, no prédio de Engenharia de Arquitetura e Urbanismo, sala 110. Inscrições em C.A. de 14 de agosto.

31 de agosto, às 19h, no prédio de Engenharia de Arquitetura e Urbanismo, sala 110. Inscrições em C.A. de 14 de agosto.

OH WOW
Computer Design
Fone/fax: 835 8690

A comunidade se manifesta nas páginas do PUCviva

Desde seu primeiro número o PUCviva teve como objetivo não só refletir a opinião das associações de professores e funcionários da PUC-SP, mas dar espaço às mais diferentes opiniões da comunidade.

Assim, em suas edições iniciais, a sessão "Figurinha Carimbada" traçava um perfil de pessoas que se destacavam na universidade pela dedicação ou posturas políticas e acadêmicas. Assim, ouvimos depoimentos emocionados como o do professor Flavio di

Giorgi; o alegre relato do funcionário Rubão, uma das figuras mais marcantes da história da universidade. À esquerda destacamos a entrevista com o nosso "Seu Jorge", um dos funcionários mais antigos da PUC-SP, ainda hoje na ativa, cuidando para que nossos docentes e funcionários acertem suas questões com o INSS. Mais tarde foi criada a sessão Fala Comunidade, que até hoje provoca grandes polêmicas com as opiniões de nossos estudantes, professores e funcionários (direita).

FALA COMUNIDADES
Infestação

Uma comunidade infestada por ideias e opiniões. A sessão Fala Comunidade é o espaço onde os membros da comunidade podem expressar suas ideias e opiniões. É um espaço de diálogo e troca de experiências. A sessão é moderada por uma equipe de voluntários. As opiniões são publicadas no PUCviva e podem gerar discussões e debates. A sessão é aberta a todos os membros da comunidade. É um espaço de liberdade de expressão e de participação.

Figurinha Carimbada

Uma sessão que destaca pessoas que se destacam na universidade pela dedicação ou posturas políticas e acadêmicas. É uma oportunidade de conhecer mais sobre a comunidade e de aprender com as experiências de outros membros. A sessão é moderada por uma equipe de voluntários. As histórias são publicadas no PUCviva e podem inspirar outros membros da comunidade. A sessão é aberta a todos os membros da comunidade. É um espaço de valorização e de reconhecimento.

Seu Jorge

Uma sessão que apresenta entrevistas com funcionários antigos da PUC-SP. É uma oportunidade de conhecer a história da universidade e de aprender com as experiências de quem já viveu a experiência de ser parte da comunidade. A sessão é moderada por uma equipe de voluntários. As histórias são publicadas no PUCviva e podem inspirar outros membros da comunidade. A sessão é aberta a todos os membros da comunidade. É um espaço de memória e de legado.

Fala Comunidade

Uma sessão que provoca grandes polêmicas com as opiniões de nossos estudantes, professores e funcionários. É um espaço de debate e de troca de ideias. A sessão é moderada por uma equipe de voluntários. As opiniões são publicadas no PUCviva e podem gerar discussões e debates. A sessão é aberta a todos os membros da comunidade. É um espaço de liberdade de expressão e de participação.

GAUCHE NA VIDA

Proletários do giz

Professor há quatro décadas na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Alfredo Bosi continua num traçado pessoal pela qualidade do ensino. Abaixo publicamos sua entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo de 13/8/2013.

O IDH avançou 47,8% no Brasil. No entanto, a educação ainda é apontada como um entrave, pois se mantém num degrau médio. Como soltar esse freio de mão?

Alfredo Bosi - Como professor secundário e universitário que fui durante quatro décadas, pude observar de perto tanto os pontos altos como as carências dessa área capital para o desenvolvimento e qualidade de vida de nosso povo. Os pontos altos encontram-se, em geral, no ensino superior e, mais particularmente, nos cursos de pós-graduação. Quem acompanha a produção em várias áreas de pesquisa dita "de ponta", e o trabalho intenso desenvolvido por agências como Fapesp, CNPq, Finep, não pode deixar de alimentar esperanças em termos de nível intelectual, que, em alguns casos, iguala o de centros universitários de reputação internacional. No entanto, quando voltamos o olhar ao ensino primário e secundário, temos um panorama inquietante em que as exceções, embora honrosas, são ainda poucas.

Ao mesmo tempo, a educação foi o indicador que mais teve avanço desde 1991.

AB - Os índices apontam para um avanço significativo ocorrido nestes primeiros anos do século 21, fato em si mesmo alvissareiro. Houve, de fato, um progresso quantitativo, pois, salvo em alguns bolsões de extrema pobreza, pode-se dizer que quase toda a população em

idade escolar está nas salas de aula. Mas também fica evidente que há muito por fazer em termos de qualidade para chegarmos a um patamar suficiente, se comparamos nossa situação com a de outras nações, não só com as desenvolvidas, mas com algumas de economia modesta, como Uruguai, Cuba, Chile e Costa Rica. O crescimento econômico medido em termos de PIB não é garantia de uma política enérgica de educação, para a qual o valor prioritário deve ser a formação intelectual e ética do cidadão.

Em que estamos patinando?

AB- Há muito tempo venho me preocupando com o diagnóstico dos males de nossa educação fundamental. Em artigos que escrevi para a Folha de S. Paulo (O Ponto Cego do Ensino Público) e para o Jornal do Brasil (Educação: as Pessoas e as Coisas), relatei os resultados de uma pesquisa que fiz registrando os salários dos professores dos cursos básicos em todo o País. Até os anos 1990, a maioria absoluta dos nossos mestres-escola não ganhava sequer um salário mínimo mensal. Eram proletários do giz e da lousa, que precisavam dar um número altíssimo de aulas para receberem um salário que significava então metade e às vezes um terço do que recebiam os docentes universitários em início de carreira. Era uma desproporção injusta e lesiva para o professor, para os alunos e para toda a sociedade brasileira. A pesquisa tocava no ponto cego do nosso ensino público: a desvalorização econômica, social e cultural do professor como o fator mais significativo do baixo rendimento do sistema educacional.

O que mudou de lá para cá?

AB- A política dos poderes

estaduais e municipais, que são os responsáveis pelo ensino básico, continuou subestimando a questão da valorização efetiva, e não só retórica, do professorado. Atribuiu-se equivocadamente o insucesso escolar a problemas de saúde do aluno pobre ou à "carência cultural" de suas famílias. Ou, então, especialistas em pedagogia davam excessiva importância ao uso deste ou daquele método de alfabetização, deste ou daquele sistema de ensino de matérias fundamentais como a matemática, a história, as ciências. Eram fatores relativamente importantes, mas desviavam a atenção para o que é essencial. O *punctum dolens* era e ainda é o desestímulo sofrido pelo professor pelo excesso de trabalho, quase sempre em mais de uma escola, e pela angustiante falta de tempo para preparar suas aulas e acompanhar de perto o aproveitamento dos alunos. A distribuição de kits, livros, computadores e material escolar não deve substituir uma política corajosa de elevação salarial e valorização social do professor. As coisas por si só não movem o processo educacional: o centro vivo são as pessoas, sua vontade cidadã de contribuir para o desenvolvimento intelectual e moral do jovem aluno.

No molde do 'Mais Médicos', a população deveria ir às ruas pedir 'Mais Professores'?

AB - Não sei se se é o caso de reclamar por "mais professores", embora me pareça razoável, salvo melhor juízo, que em alguns municípios carentes se reclame por mais médicos. O fato é que em escolas de periferia de São Paulo (não conheço a situação de outros estados) muitas classes ficam sem docentes de matérias fundamentais como português e matemática, porque os professores contratados faltam às aulas com uma frequência

inquietante. Pergunto se não é o caso de pesquisar as causas desse comportamento que, de minha parte, se deveria atribuir ao desânimo de profissionais que ganham mal e não recebem do estado o respeito e o estímulo de que necessitam para enfrentar as dificuldades cotidianas de seu trabalho. Como professor de uma das melhores faculdades de letras e humanidades do País, verifico que grande parte dos alunos graduados em matérias humanísticas e literárias não escolhe o magistério primário e secundário como carreira prioritária, embora tenha recebido formação específica para exercê-la. Há situações semelhantes entre alunos formados em matemática, física, química, biologia. Preferem trabalhar em empresas, laboratórios ou pesquisa avançada e dão as costas para a missão de transmitir seus conhecimentos em condições que estão aquém de suas expectativas profissionais. Trata-se de um sintoma de desistência do magistério, que precisamos interpretar corretamente para passar do diagnóstico à terapia.

Qual é o seu diagnóstico sobre o aprendizado do aluno?

AB - Do ponto de vista estritamente pedagógico, a avaliação do aluno passou de um extremo a outro, ambos lastimáveis. Com a boa intenção de minorar o mal da repetência, endêmico até os anos 1990, algumas Secretarias de Educação optaram por um sistema de tolerância máxima pelo qual se evita sistematicamente reprovar todo e qualquer aluno, aprovando-o "para inglês ver", isto é, para parecer que o ensino foi bem-sucedido e fazer esse êxito numérico constar das estatísticas escolares. A situação

continuação da página anterior

assemelha-se à triste farsa dos que fingem que ensinam e dos que fingem que aprendem. Já é consenso lamentar que boa parte dos alunos que chegam ao último ano do ensino fundamental ainda tenha problemas graves de alfabetização, leitura, escrita, raciocínio matemático, etc. Parece-me que o bom senso exige uma revisão de alguns procedimentos automáticos e irresponsáveis desse processo que está desmoralizando o ensino básico brasileiro. O maior gargalo parece ser o da passagem do ensino fundamental para o médio. Mas não devemos desanimar, pois a qualidade da educação pública já foi excelente até os anos 1950, antes da explosão da sociedade de massas. Se não podemos voltar atrás, pois as condições objetivas são tão diferentes, devemos pelo menos apostar em estratégias que se ajustem às necessidades atuais, trabalhando nas duas pontas: valorizando o professor e oferecendo ao aluno o que ele merece, sem deixar de exigir o que ele pode dar.

Por que a inclusão social brasileira dos últimos 20 anos não atingiu a população nesse particular? Ainda vigora entre nós uma cultura escolar elitista?

AB- Quando se fala em "cultura escolar elitista", pensa-se na questão candente da exclusão escolar e cultural. O remédio proposto ultimamente é o das cotas concedidas a alunos de famílias de baixa renda, provenientes de escolas públicas, e de preferência não brancos, negros e índios. A matéria é controversa e não sei se poderia tratá-la nesta entrevista, na medida em que me faltam dados confiáveis para avaliar o que está acontecendo e sobretudo o que vai acontecer a partir da concessão obrigatória das cotas. É sempre problemático querer resolver um mal pelo seu efeito final, no caso, a dificuldade de um aluno (prejudicado pelas condições acima descritas) superar

a barreira de um vestibular público. O que me parece absolutamente necessário é dar a todos os alunos do ensino médio condições intelectuais para concorrerem em qualquer tipo de vestibular. Em outras palavras, enfrentar corajosamente a situação desfavorável do aluno da escola média pública quando confrontada com a das escolas particulares escolhidas pela alta classe média. A revolução educacional tem de começar de baixo para cima. O que é, sem dúvida, mais difícil e mais demorado do que remediar, pelo alto, uma situação desequilibrada que vem de longe. Em educação, democracia significa dar igualdade de oportunidades de conhecimento a todos os cidadãos sem distinção de idade, cor, gênero, nacionalidade ou renda familiar.

Como resposta às manifestações, a presidente Dilma apontou o uso dos royalties do petróleo na educação como um dos cinco pactos firmados com prefeitos e governadores. Esse montante, porém, só estará disponível em 2020. E questiona-se a forma como será aplicado. A educação já faz parte da agenda estratégica dos governos? Quero dizer, faltam apenas mais dinheiro?

AB - Espero que o grande aporte ao sistema educacional, proposto pela presidente Dilma, relativo aos royalties do pré-sal, seja administrado à altura das nobres intenções que o motivaram. E que, na hora decisiva da distribuição das verbas federais, as redes sociais e o Ministério Público fiquem atentos aos desvios que tantas vezes os executivos municipais operam, à socapa, canalizando o dinheiro concedido à educação para a prática do nepotismo e a construção de obras eleitoreiras. Finalmente, que seja equacionado com justeza o problema da valorização econômica do professor primário e secundário.

Publicado originalmente em <http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,proletarios-do-giz-,1060264,0.htm>

FALA COMUNIDADE

Se caíram os 20 centavos, os 70 vão cair também!

Henrique Iglecio

No ano de 2010 houve uma ampla e extensa campanha de redução das mensalidades, na qual não foi debatido somente o acesso à universidade, mas como também a permanência. Dentro desta movimentação, uma das principais reivindicações do movimento estudantil puquiano foi reduzir o preço do bandejão.

Ao final do ano de 2010, depois de incontáveis e frustradas tentativas de diálogo com a reitoria e a Fundação São Paulo, seja por via de um grande abaixo assinado ou pela convocação de uma audiência pública, o movimento estudantil da PUC-SP decidiu ocupar a reitoria da universidade. Apesar do autoritarismo da Fundasp, tão conhecido por todos nós, assim como suas ameaças de convocar a força policial e a falsa mediação apresentada pela reitoria, o movimento estudantil resistiu e conquistou pequenas, mas importantes vitórias.

Foram elas: a diminuição do aumento das mensalidades em 2011, a promessa de uma creche para as mães professoras, funcionárias e estudantes e, a mais importante delas, a redução do preço do bandejão da PUC-SP, de pouco mais de R\$ 7

para R\$ 6,00.

Nos últimos anos, nós vimos o preço do bandejão subindo astronomicamente, chegando a absurda quantia de 10,70. Até esse momento, no entanto, o valor do preço para os estudantes permanencia inalterado.

Na contramão do que significou junho de 2013 para toda a juventude brasileira, começamos o segundo semestre com a surpresa de que o preço do bandejão para os estudantes havia aumentado em 70 centavos.

Há poucas semanas atrás, governadores e prefeitos tentaram convencer toda a juventude brasileira de que 20 centavos era pouca coisa. Nenhum deles foi bem sucedido!

Não será uma reitoria considerada ilegítima por toda a comunidade acadêmica e agora, ilegal pelo TJSP, que nos convencerá que não devemos lutar por 70 centavos.

Os estudantes da PUC-SP, que são parte viva das manifestações de junho, vão derrubar esse aumento, bem como ajudaram a derrubar o aumento das passagens de trem, ônibus em metrô em São Paulo.

Vem, vem, vem pra PUC vem, contra o aumento!

Henrique Iglecio é estudante do Curso de Direito

MOVIMENTOS SOCIAIS

Ato contra Alckmin reúne 5 mil

Na quarta-feira, 14/8, diversos setores dos movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e os coletivos da Oposição de Esquerda da UNE se reuniram para o ato que pedia a saída de Geraldo Alckmin, governador do Estado de São Paulo, de seu cargo. A manifestação, convocada pelo Movimento Passe Livre e pelo Sindicato dos Metroviários, contou com cerca de cinco mil pessoas, concentradas inicialmente no Vale do Anhangabaú, onde foi estendida uma faixa gigante com o motivo inicial do ato: o desvio de mais de R\$ 400 milhões pelo PSDB no cartel do Metrô e CPTM nos últimos anos no governo paulista. O ato, que teve início durante a tarde, ca-



Manifestantes na escadaria da Catedral da Sé

minhou por um longo trajeto nas principais vias do centro da capital paulista, como a Praça do Patriarca e a rua Riachuelo, terminando na Praça da Sé, já pela noite. Os manifestantes, além de citar o escândalo do transporte público, também lembraram da repressão sofrida nos atos do mês de junho, além de diversas ações do governo

Alckmin nestes anos, como a desapropriação da comunidade de Pinheirinho, em São José dos Campos, e da morte de Ricardo Ferreira Gama, funcionário da Universidade Federal da Baixada Santista assassinado no dia 2/8, dias após ser agredido pela Polícia Militar no campus onde trabalhava, em Santos.

Testemunhas da violência contra Ricardo são ameaçadas

Estudantes que testemunharam a violência policial contra o então funcionário terceirizado da Unifesp de Santos, Ricardo Ferreira Gama, 30 anos, dois dias antes dele aparecer assassinado perto de casa, foram aconselhados por professores da instituição a deixar a Baixada Santista por algumas semanas. Pelo menos até que os ânimos se acalmem.

Desde o assassinato do funcionário, o DCE da universidade junto a demais movimentos sociais que reivindicam a desmilitarização da PM têm questionado: quem matou Ricardo? Eles esperam que, assim como no caso do "Cadê o Amarelado?", da favela da Rocinha/RJ, a denúncia ganhe repercussão e obrigue a Polícia e o Governo Estadual a se posicionarem.

No dia 31/7, Ricardo fumava uniformizado e com crachá em frente a um prédio abandonado que fica ao lado da universidade, na Vila Mathias, em Santos, quando policiais mandaram que ele saísse do local. A linguagem usada pelos PMs, segundo as testemunhas, foi grosseira e agressiva. Ele retrucou verbalmente e acabou agredido no rosto. Cerca de 40 pessoas testemunharam ele ser arrastado para dentro do prédio abandonado e filmaram a cena. As gravações podem ser encontradas no endereço: quemmatouricardo.noblogs.org.

Ricardo foi colocado no camburão de um viatura. Os policiais disseram que o levariam direto para o 1º Distrito Policial. Voltando ao trabalho horas depois da agressão e pediu às testemunhas que não registrassem o crime. Ele teria contado a algumas pessoas que já havia sido preso e que se sentia perseguido por alguns policiais. Mas, segundo a secretaria de Segurança Pública, Ricardo não tinha antecedentes criminais.

Dois dias depois, 2/8, Ricardo foi encontrado morto perto de sua casa, com oito tiros.

Tupinambás de Olivença retomam 40 fazendas

Na mesma semana em que cerca de 100 lideranças de 16 etnias dos povos indígenas do estado da Bahia foram para Brasília reivindicar a demarcação de seus territórios tradicionais, aproximadamente 300 indígenas Tupinambá de Olivença intensificam o processo de retomadas de fazendas localizadas na Serra do Padeiro, na Bahia. No total, entre os dias 2 e 13/8, 40 propriedades foram retomadas.

Situado próximo ao município de Ilhéus a cerca de 450 km de Salvador, o território reivindicado já foi reconhecido como indígena pela Fundação Nacional do Índio (Funai) desde 2009. No entanto, apesar do prazo para a publicação da Portaria Declaratória ter vencido em meados de abril, o processo continua parado na Justiça. Revoltados com a demora e a inoperância do Governo e do Judiciário, os Tupinambás resolveram retomar o que lhes pertence historicamente.

"O prazo para a publicação já venceu e o governo con-

tinua nos enrolando. Muitos fazendeiros já externaram para a Funai o interesse em sair das áreas e os levantamentos fundiários já foram feitos mas, mesmo assim, nenhuma providência foi tomada. Não dá mais para esperar. A retomada é o único jeito de reaver as terras tradicionais do povo", afirmou uma das lideranças.

Segundo o cacique Babau Tupinambá, com as últimas retomadas realizadas na terça-feira, 13/8, eles fecham quase a totalidade do território pertencente à Terra Indígena da Serra do Padeiro. As ações dos indígenas não têm encontrado resistência

dos fazendeiros invasores, já que a maior parte das propriedades e das antigas plantações de cacau estão abandonadas. O baixo preço do cacau no mercado é o motivo do abandono da região. Os indígenas lamentam que, em grande parte da área, a floresta tenha sido intensamente desmatada. A comunidade ocupante das áreas retomadas iniciou o processo de limpeza do cacau e de recuperação das casas.

Ainda conforme as lideranças, a série de retomadas também é uma forma de contra-atacar os golpes desferidos pelas bancadas ruralistas no Congresso Nacional.

Valdelice Verón depõe à Anistia Internacional

Valdelice Verón, liderança da etnia indígena Guarani Kaiowá, deu um depoimento ao Secretário-Geral da Anistia Internacional, Salil Shetty, que visitou o Mato Grosso do Sul no início desse mês para conhe-

cer a situação de conflito aberto que envolve a região. No vídeo, ela denuncia a situação limite em que vivem as tribos da região. O depoimento foi gravado e pode ser visto pelo link: <http://youtu.be/ncPCPv12sZA>

ROLA NA RAMPA

Aniversário da universidade tem programação musical

O aniversário de 67 anos da PUC-SP será marcado por uma animada programação com apresentações de diversas bandas independentes no campus Monte Alegre.

Na véspera do aniversário, dia 21/8, entre 12h e 12h30 haverá apresentação da banda Neurozen, que traz seu som instrumental para o Pátio da Cruz. Em seguida, até as 13h, o Projeto Capela traz canções de própria autoria com voz

e violão.

Já no dia 23/8, a professora Helena Venturelli tocará piano na Prainha entre 12h e 12h30, seguido do projeto Bateras Beat Perdizes. No mesmo dia, a partir das 18h, os dois projetos se apresentarão também em frente à reitoria, na rua Monte Alegre. A programação foi desenvolvida pelo Setor de Atendimento Comunitário (PAC) e pela Pró-Reitoria de Cultura e Relações Comunitárias.

Ferreira Gullar é tema de debate no TUCA

O Teatro da Universidade Católica, Tuca, passa a promover o evento Primeira Página, espaço de discussão sobre grandes autores da literatura brasileira.

A primeira edição do evento acontecerá no dia 20/8, às 20h, e terá como tema a obra de Ferreira Gullar, e na ocasião o autor debaterá com a jornalista Mona Dorf e os produtores Cândida Morales e Clovys Torres, que são também os organizadores do projeto, que deverá acontecer periodicamente.

O projeto foge ao bate-papo tradicional visto em mesas literárias e não deverá se restringir a perguntas e respostas entre jornalista e autor, buscando novos leitores em formação, contando com a participação de

alunos de escolas da cidade de São Paulo. O segundo encontro será com Adélia Prado, romancista e poeta mineira, com participação da professora e coordenadora do Departamento de Arte da PUC-SP, Ana Salles Mariano. Os ingressos para os dois primeiros encontros poderão ser adquiridos na bilheteria do TUCA, via internet (www.ingressorapido.com.br) e pelo telefone (11) 4003-1212. O valor para cada noite é de R\$50 (inteira) e R\$25 (meia-entrada).

Alunos, professores e funcionários da PUC-SP têm direito à compra de duas meia-entradas. Clientes da Livraria da Vila pagam R\$25 ao adquirirem seus ingressos nas unidades credenciadas.

Benê debate as jornadas de junho

O Centro Acadêmico Benê promoveu um debate na segunda-feira, 12/8, no Pátio da Cruz, sobre os atos que tomaram conta do país no mês de junho. Estiveram presentes Mariana Toledo, representante do Movimento Passe Livre, e Pedro Nogueira, jornalista e ex-membro do Benê, que foi preso em uma das manifestações de junho por tentar defender meninas que estavam sendo agredi-

das pela Polícia Militar. Com cerca de trinta estudantes, Mariana contou um pouco de suas experiências durante a jornada de junho, além de esclarecer dúvidas sobre a atuação do MPL. Já Pedro contou sua experiência após ser preso com diversos outros manifestantes, sendo inclusive transferido entre presídios enquanto não conseguia liberdade - hoje, ele está livre por meio de uma liminar.

Pastoral celebra missa no aniversário da PUC-SP

A Pastoral Universitária organiza a missa de aniversário de 67 anos da PUC-SP no dia 22/8, quinta-feira, às 12h, na Capela Universitária. Além da missa, a Pastoral também convida para o encontro "A

identidade da universidade católica em diálogo", que ocorrerá no mesmo dia, às 20h, no TUCA. Ambos os eventos contarão com a presença de Dom Odilo Scherer, cardeal de São Paulo.

Ciência da Religião e Teologia organizam aula inaugural

Os departamentos de pós-graduação em Ciência da Religião e em Teologia promovem aula inaugural com o tema A Religião em Tomás de Aquino, com o professor Frei Carlos Josaphaf. O evento

ocorrerá no dia 21/8, entre 14h e 18h, no auditório 117-A. A entrada é franca, e para mais informações ligue para 3670-8529 (falar com Andréia) ou envie email para proresp@pucsp.br.

TV PUC entrevista ex-aluna jornalista de moda

A TV PUC recebe no dia 22/8, às 19h30, a jornalista Juliana Romano, formada pela PUC-SP. Juliana responderá a perguntas da plateia no estúdio do programa, no subsolo do Prédio Novo, com transmissão ao vivo pelo site www.tvpuc.com.br.

Juliana é jornalista da área de moda e é autora do blog "Entre Topetes e Vinis", direcionado ao público *plus size*, além de ter trabalhado na Revista Gloss, no portal Vírgula e ter sido roteirista da Play TV. O evento é aberto ao público.